



L'IDÉE DE NATURE CHEZ LEON BATTISTA ALBERTI (1404-1472)

PAOLI, MICHEL. PARIS: HONORÉ CHAMPION, 1999. 285P.

ISBN: 2-7453-0222-1

Carlos Antônio Leite Brandão

REINVENTANDO O MUNDO E A HUMANIDADE: A NATUREZA EM L. B. ALBERTI

É estranho que Alberti tenha quase desaparecido na historiografia da arquitetura. Apesar de produzir os tratados técnicos e artísticos, diálogos filosóficos e morais, novelas e fábulas, poesias e edifícios capitais para sua época e os tempos futuros; apesar de sem ele a Renascença florentina permanecer como um movimento quase restrito à Toscana; apesar de ser o fundador da Renascença e do Humanismo – junto de Brunelleschi, Masaccio, Donatello, Salutati e Bruni, dentre outros – e ser, também, talvez seu primeiro crítico; apesar de pertencer a uma das mais importantes famílias da aristocracia mercantil e financeira dos séculos 14 e 15 e ligar-se aos maiores expoentes da época que o tomam como referência e conselheiro em vários momentos – como S. Malatesta, F. Montefeltro, G. Rucellai e Lorenzo di Medicis – e apesar de fornecer os primeiros tratados de pintura, de escultura e de arquitetura da modernidade, Alberti permaneceu em um esquecimento profundo. Só nos últimos 30 anos foram editados alguns de seus textos mais significativos. Seu tratado sobre arquitetura, o *De Re Aedificatoria* conheceu um relativo sucesso no século 16, inclusive além dos Alpes, como as edições francesas de 1512 e 1514 e os inúmeros exemplares que se multiplicaram a partir de 1540. Nesse século 16 houve, ainda, a edição portuguesa de André de Resende, talvez inevitavelmente perdida. Só agora, em 2009-2010, teremos a segunda edição portuguesa, provavelmente. Recentemente, surgiu uma nova edição francesa, organizada por Françoise Choay. No Brasil, Alberti, seja como humanista, seja como teórico da arquitetura, quase nunca é considerado e são quase inexistentes os pesquisadores que a ele se dedicam, apesar de sua importância crucial e do verdadeiro *boom* dos estudos e atividades que se desenvolveram em torno dele nos últimos 15 anos, sobretudo na Europa.

Nesse contexto, é fundamental divulgar um livro como este de Michel Paoli, professor da Universidade de Amiens e cujo *site* sobre Alberti talvez seja o mais precioso a ser consultado, sobretudo por pesquisadores do Renascimento, das humanidades, da arquitetura e do urbanismo. *L'idée de nature chez Leon Battista Alberti (1404-1472)* trafega no conjunto de toda a obra albertiana e fornece-nos

chaves fundamentais para lê-la e para entender o pensamento de nosso humanista. Depois de introduzir o modo pelo qual Alberti se relaciona com a filosofia, com o conhecimento, com a razão, com a antiguidade clássica e com a realidade do *Quattrocento*, o livro se divide em duas partes.

Na primeira parte, Paoli situa o lugar e o conceito de natureza dentro do pensamento de Alberti. Trata-se de uma natureza aculturada e percebida em uma perspectiva humana, assim como também o são a religião, os deuses, a arquitetura, os seus monumentos, a moral, a amizade e as demais instituições. Não há contraste entre humanidade e natureza, mostra-nos Paoli em seu profundo e maduro estudo. Tudo foi criado para ser útil ao homem e para ele conquistar sua humanidade – um “exercício” e uma tarefa que se desempenham ao longo das várias dimensões de nossa vida, e não um dom natural. O ser humano foi feito para a ação, e não para a contemplação. Da mesma forma, edifícios e cidades são espaços da ação, e não da contemplação, ao contrário do que prepondera na arquitetura contemporânea. Eles não têm fim em si mesmos, mas só na medida em que servem à construção de uma vida melhor, mais feliz e mais justa: *bene beateque vivendum*, repetia Alberti e enfatiza Paoli. Só na medida em que o ser humano constrói sua humanidade e desenvolve suas potencialidades é que ele é livre e autônomo. E o ambiente propício para isso é a cidade, local onde estabelecemos laços com aqueles que, sendo diferentes de nós, complementam-nos e fazem-nos melhores.

No *De Re Aedificatoria*, a natureza aparece, principalmente, para fornecer a idéia de organismo e de articulação das partes entre si e com o todo. Isso serve tanto para enquadrar o funcionamento ideal da *polis*, onde todos estão em função uns dos outros e servem à construção maior do bem comum e da *res publica*, quanto para proporcionar os lugares da cidade e as partes de um edifício entre si ou, ainda, para compreender o universo e a urbe como cosmos e *concinnitas*, e não como mero caos ao qual estamos sujeitos. Construir segundo a natureza é construir segundo a natureza da *virtù*, de modo a combater-se a *fortuna*, a corrosão e a instabilidade que o tempo, as intempéries da *natura naturata*, as guerras e a desmesura humana impõem sobre o corpo, a cidade, as instituições e os edifícios. De um lado, há uma *natura* indômita e ela escapa aos nossos limites. De outro, há uma outra natureza que encarna um ideal de perfeição e autoriza nosso conhecimento e uso das coisas e de nós mesmos. Paoli nos revela como essa luta perpassa toda a obra albertiana e como a moral, a arte, a técnica, a linguagem, a religião, os edifícios e as cidades devem promover esta última concepção de natureza, na qual se fundem o ideal de perfeição, de ordem e de razão. Só assim, unindo o bom, o bem e o belo – tal como o *De Re Aedificatoria* entrelaça a *firmitas*, a *commoditas* e a *venustas* – a humanidade do homem pode desabrochar no mundo e fazê-lo livre.

Essa razão com que se constrói e atua-se no mundo não é, contudo, uma razão privada e solitária. Paoli nos mostra ser ela uma razão pública, que se faz no meio da cidade e em acordo com os outros, tal como o fazem os personagens dos vários diálogos escritos por Alberti, especialmente no *I Libri Della Famiglia*. São as relações no interior da *polis* que definem a moral e o indivíduo. Não há identidade fora dela. O homem nasce para a cidade e a cidade nasce para o homem: “só a cidade liberta”, dizia um provérbio alemão do século 12. A partir desse pressuposto, desenvolve-se a magistral segunda parte do livro de Michel Paoli. Nela, o autor verifica como Alberti se utiliza da idéia de natureza para

erguer uma antropologia, um pensamento sociopolítico, uma concepção da técnica e da ciência, uma ética e uma estética cívicas, com especial destaque para o valor que a arquitetura e o urbanismo têm para a construção dos laços sociais e da república. São esses valores que Michel Paoli e Françoise Choay, em suas obras conjuntas como o recente livro *Alberti, Humaniste, Architecte* (Paris: Musée du Louvre, 2006), vêm como imprescindíveis para fazer frente à arquitetura do espetáculo e à “desinvenção da cidade”, em curso em nossos dias.

Seguir a natureza, sugere o professor da Universidade de Amiens, não é reencontrar algo que se encontra em uma nossa condição primitiva, mas perseguir o que se encontra à nossa frente, a ser inventado e construído, como ideal: o ser humano tal como deveríamos e poderíamos ser, e não tal como somos ou fomos, e o *bene beateque vivendum* de uma vida e de uma cidade felizes e plenas, às quais estamos destinados. Para isso, a arquitetura e o urbanismo são fundamentais. Segundo Alberti, diz-nos Paoli, “*devemos agir conforme a imagem real que queremos dar-nos a nós mesmos*” (p. 178). Isso é o que deve pautar os edifícios e as cidades que erigimos, a ética e a moral de nossas ações, a solidez da república e dos laços sociais que estabelecemos. Não se trata, portanto, de uma natureza dada, mas de uma natureza inventada e colocada em nossa origem e em nosso destino comuns. É essa natureza social e compartilhada que nos permite sermos livres, como indivíduos e como cidadãos, e vivermos em sociedade, e não em uma massa. É no seio da cidade que se realiza a natureza humana e onde florescem nossas potencialidades, individuais e coletivas. O livro de Paoli não apenas nos convida a ler a magnífica obra de Battista Alberti, mas também nos fornece chaves para entendermos aquilo que somos e podemos ser e para defendermos aquela que talvez seja a maior invenção do homem ocidental: a cidade, com suas diferenças, suas potencialidades e sua razão comum, sem a qual não há identidade, individualidade e liberdade alguma.

Carlos Antônio Leite Brandão

Professor de História da Arquitetura na Escola de Arquitetura da UFMG e atual diretor-presidente do Instituto de Estudos Avançados Transdisciplinares da UFMG. É doutor e mestre em Filosofia pela UFMG, dedicando-se ao estudo da arte, da filosofia e da arquitetura entre os séculos 14 e 18. Dentre suas obras citam-se os livros: *Quid Tum? O combate da arte em Leon Battista Alberti* (2000), *A formação do homem moderno vista através da arquitetura* (1992), *As cidades da cidade* (2006) e *A república dos saberes* (2008).

Rua São João Evangelista, 198, ap. 302 – São Pedro
30.330-140 – Belo Horizonte, MG
(31) 3284-4101/3409-8860
brandao@arq.ufmg.br